

O ESPAÇO QUE EXCLUI, QUE EXILA: UMA ANÁLISE DO CONTO “A MENINA VITÓRIA” DE ARNALDO SANTOS

Ana Carolina Menocci¹

RESUMO: Theodor W. Adorno (2003) reflete que a lírica e a sociedade são mediadas pela palavra. Não só a lírica, mas a literatura em todos os seus gêneros é mediadora da sociedade pela palavra. No conto “A Menina Vitória” de Arnaldo Santos acompanhamos Gigi, um menino que muda de escola para fugir dos piolhos, mas encontra na nova escola coisas muito piores que os pequenos insetos. O espaço torna-se para o menino um local de exclusão, humilhação e desprezo por parte principalmente da professora, a menina Vitória. Neste trabalho analisamos o conto de forma a destacar o espaço como exclusão e consequentemente como espaço de exílio, bem como exploramos o sentimento de deslocamento do personagem. Para tanto nos apoiamos em textos teóricos que tratam do tema como, Marc Augé (1994) e Edward Said (2003), Homi Bhabha (1998). Com a análise do conto encontramos com personagens totalmente deslocados em um espaço que deveria ser de inclusão: o espaço da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio; escola; conto; Arnaldo Santos.

RESUMEN: Theodor W. Adorno (2003) refleja que la lírica y la sociedad son mediadas por la palabra. No sólo la lírica, pero la literatura en todos sus géneros es mediadora de la sociedad por la palabra. En el cuento "La niña victoriana" de Arnaldo Santos acompañamos a Gigi, un niño que cambia de escuela para huir de los piojos, pero encuentra en la nueva escuela cosas muy peores que los pequeños insectos. El espacio se convierte para el niño un lugar de exclusión, humillación y desprecio por parte principalmente de la profesora, la niña Victoria. En este trabajo analizamos el cuento para destacar el espacio como exclusión y consecuentemente como espacio de exilio, así como exploramos el sentimiento de desplazamiento del personaje. Para tanto nos apoyamos en textos teóricos que tratan del tema como, Marc Augé (1994) y Edward Said (2003), Homi Bhabha (1998). Con el análisis del cuento nos encontramos con personajes totalmente desplazados en un espacio que debería ser de inclusión: el espacio de la escuela.

PALABRAS CLAVE: Exilio; la escuela; cuento; Arnaldo Santos.

“A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não tem limites, ela jamais conclui, mas fica aberta como um ensaio de Montaigne, depois de nos ter feito ver, respirar ou tocar as incertezas e as indecisões [...]” (COMPAGNON, 2009, p.51). Antoine Compagnon destaca muito bem o que a literatura é para nós, um modo de sentir, de nos tocar e também de nos fazer perceber a realidade.

¹ Mestranda na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, e-mail: acmenocci@yahoo.com.br, Bolsista de Mestrado – FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Essa percepção da realidade torna-se ainda mais ágil, se assim podemos dizer, quando trata-se do conto. O conto precisa sequestrar o seu leitor rapidamente pela intensidade e pela tensão. Júlio Cortázar reflete que:

O contista sabe que não pode proceder acumulativo, que não tem tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente, seja para cima ou para baixo do espaço literário. E isto que assim expresso parece uma metáfora, exprime, contudo, o essencial do método. O tempo e espaço do conto tem de estar como que condensados [...] (CORTAZAR, 1993, p.52)

A Menina Vitória compõe o livro *Kinaxixe e Outras Prosas* ao lado de outros 26 textos em prosa. Arnaldo Santos, escritor de literatura africana em língua portuguesa nasceu em Ingombota em Luanda. Publicou coletâneas de poesia como *Fuga* (1960) e *Poemas no tempo* (1977), a primeira com ênfase nas diferenças sociais entre as populações brancas e negras antes da independência e a outra após a independência. Lançou também 2 livros de crônicas: *Tempo de Munhungo* (1968) e *Crônicas ao Sol e a Chuva* (2000).

Tratando dos contos publicados por Arnaldo Santos podemos destacar o livro *O Cesto de Katandu e Outros contos* de 1987, trata-se de uma crítica social ao legado do colonialismo apresentando outras histórias dos “miúdos” do Kinaxixe antes da Independência.

O livro de contos no qual encontra-se nosso objeto de estudo foi inicialmente lançado em Angola em 1965 sob o título Kinaxixe. Em 1981 foi publicado no Brasil pela Editora Ática com o título *Kinaxixe e Outras Prosas* que ganha além dos contos algumas crônicas do escritor. A obra retrata o bairro real predominante de negros com o mesmo nome. A ligação entre o autor e a obra é bastante afetiva se atentarmos para o fato de que o autor passou sua infância e adolescência nesse bairro.

No livro o autor recorda ainda a juventude e os primeiros anos de trabalho apresentando-nos ao início de uma ruptura nas relações sociais. Kinaxixe é um bairro central da cidade de Luanda e foi palco do programa de um edifício como um mercado que é um dos mais simbólicos na história das civilizações humanas.

A cidade de Luanda, se observada em textos literários, tornou-se cenário privilegiado. Tânia Macedo em seu estudo ‘Caminhos da escrita de uma cidade: a presença de Luanda em literatura angolana contemporânea’ afirma que Luanda teve sua primeira aparição literária já nos primeiros textos portugueses que trataram da conquista de Angola e é apresentada de forma muito negativa como encontramos no poema *Descrição da Cidade de Loanda e Reyno de*

Angola transcrito no tomo III da História Geral das Guerras Angolanas de Antônio de Oliveira de Codornega em que se escreve que Luanda era terra turbulenta, armazém de pena e dor, um inferno em vida, entre outras expressões negativas.

Sobre o mercado do Kinaxixe, pode-se afirmar que foi projetado pelo arquiteto português Vasco Vieira da Costa nos primeiros anos da década de 50 do século passado e demolido em 2008, foi um exemplo claro da relevância que este representou em Kinaxixe e em Angola de forma geral. Situado no largo homónimo na cidade angolana, o edifício conquistou o estatuto de ícone do século XX angolano, por diversos motivos.

A composição do edifício destacava a mestria do arquiteto Vieira da Costa na aplicação do chamado “Moderno Tropical”, uma adaptação das lógicas de tendência corbusiana à especificidade cultural e climática dos trópicos – exemplificada com brilhantismo, também, nos edifícios da Rádio e Televisão de Angola, de Simões de Carvalho, ou do Cine Atlântico, do arquiteto António Ribeiro dos Santos, ambos felizmente ainda existentes e bem conservados. A arquiteta angolana Maria João Grilo afirma que “[...] Vasco Vieira da Costa situa o projeto entre praça e edifício (...)” esta descrição é efetivamente adequada ao projeto do Kinaxixe: por um lado, pela disposição do edifício, que tirava partido da forte relação entre rua, espaços cobertos e pátios internos, numa airosa intercomunicação; por outro, pelo fato do mercado do Kinaxixe ter conseguido impor-se como um verdadeiro edifício cívico, como uma verdadeira “praça”.²

O conto “A Menina Vitória” é narrado em terceira pessoa e conta a história de Gigi, um menino mestiço que é transferido de escola por causa dos piolhos e da prosódia para um colégio particular. A transferência se fez com certo sacrifício, pois o colégio era caro, mas a vaidade da mãe de Gigi foi grande, mesmo sabendo do sacrifício que lhes custaria. O espaço da nova escola tornou-se para ele um espaço de exclusão e humilhação onde sofreu desde o primeiro olhar de desconfiança da professora, a menina Vitória, que o mandou sentar no fundo junto com outro aluno, que se chamava Matoso.

Logo no início do conto já notamos a presença de um preconceito de cor e linguagem que entende que a esta pode contaminar o outro:

[...] E sibilavam, lamentando que a pronúncia do garoto se estragava, que era preciso afastá-lo da companhia dos criados e dos colegas dos musseques.

² Informações adaptadas do endereço eletrônico <http://wsimag.com/pt/arquitetura-e-design/22465-o-kinaxixe>.

Todos concordavam que era pena, porque ele já podia considerar como um branco, embora D.Angelina fosse mulata, mas enfim... (SANTOS, 1981, p.32)

No início do conto o texto nos deixa um indício de que a mudança de escola não trouxe ao menino coisas boas e alegrias, uma vez que para ele a única alegria passa a ser o passeio que o leva até a escola:

[...] Mas da mudança mesmo o que Gigi mais gostou foi dos passeios na moto com carro lateral, em que o pai o levava ao colégio. O assento era tão baixo que, pelo trajeto, ele podia apanhar pequenos tufos de capim. Isso passou a ser a sua única alegria, porque o Gigi estranhou o colégio. (SANTOS, 1981, p.33)

O narrador conhecia muito bem os sentimentos de Gigi, e sempre enfatizava o que o menino sentia. Mais à frente entenderemos porque a única alegria dele era o “passeio” até a escola.

O título do conto parece mostrar que a menina Vitória seria a personagem central, arriscamos até mesmo que ela poderia ser a protagonista. Contudo, ao tomarmos ciência dos acontecimentos, percebemos que ela é o combustível de toda a exclusão e humilhação vivida por Gigi na nova escola. Vejamos a descrição da personagem feita pelo narrador:

A professora da 3º classe, a menina Vitória, era uma mulatinha fresca e muito empoada, que tinha tirado o curso na Metrópole. Renovava o pó-de-arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre, e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de um menino que se sentavam nas primeiras fileiras. (SANTOS, 1981, p.33)

A menina Vitória era então a professora do colégio e da turma da qual agora Gigi pertencia. A professora era mulata e empoada (com muito pó de arroz) retocava essa “máscara esbranquiçada” sempre que podia. Ela estudou em Portugal, o que provavelmente lhe dá certa confiança, não somente por ter estudado, mas por ter morado na Metrópole. Além disso, gostava de acariciar os cabelos loiros dos meninos brancos, como se a brancura deles passasse através de seus dedos para ela. Tais informações compõem parte de um retrato da personagem por meio das suas atitudes, que notoriamente descrevem a preferência da personagem pela raça branca, e talvez até alguns indícios de seu desvio psicológico de negar uma das raças que a constituem como indivíduo, afinal, ela se maquiava constantemente para fazer prevalecer o branco na própria pele. Isso pode ter causas individuais e sociais, resta-nos saber o que o conto pode nos oferecer. Vamos lembrar que a língua portuguesa às vezes é perversa, e “mulato” vem de “mulo” ou “mula”, porque aproxima-se do sentido de “híbrido” entre branco e negro.

Quando Gigi chegou a sala de aula o modo como a professora o tratou e algo extremamente significativo para entendermos o que significou para o menino o espaço da sala de aula.

Olhou-o com desconfiança e, depois do primeiro exame, mandou-o para uma carteira do fundo da aula, junto de um menino com cara de puco, a quem chamava cafuzo, por ser muito escuro. Mas o menino chamava-se Matoso [...] (SANTOS, 1981, p.33)

A professora que queria esconder sua pele mulata por trás de tanto pó de arroz tirava a identidade do menino Matoso atribuindo-lhe apenas um nome que em Angola se dá a todo originário de miscigenação entre um negro e um mulato. E Gigi agora seria para a professora mais um aluno esquecido no fundo da sala.

A partir daí o espaço da escola e da sala de aula passa a ser um espaço de opressão e exclusão. Gigi diminuía-se em seu lugar para que nem fosse notado pela professora e cada vez mais calava-se. Na hora do intervalo da aula reprimia a vontade de subir nas acácias como fazia quando brincava onde morava e na escola onde antes estudava. Vivia ele agora entre esquecer o passado que lhe brilhava na mente e aprender aquele presente que sempre lhe custava tão caro. Vivia em um não-lugar em que ele não se encaixava.

Para Marc Augé (1994) “o lugar e o não lugar são polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”. Assim é no conto, Gigi não se encaixa em sua nova realidade “[...] ‘Muxixeiro na redação... que coisa é esta...?!’ alarmava-se a menina Vitória, considerando o neologismo inferior. E a meninada da baixa ria e surriava, porque na baixa não tinha muxixeiro.” (SANTOS, 1981, p.34), e também não esquece o passado recente em que vivia:

Procurava esquecer o colorido vivo das penas dos maracachões, dos gungos, dos rabos-de-junco que ele perseguia na floresta e cujo canto escutava trêmulo atrás dos muitos, o sabor ácido dos tambarinos que colhia sedento, o suor e o cansaço das longas caminhadas pelas barrocas, a emoção dos jogos de atreza e cassumbula. (SANTOS, 1981, p.35)

Há vários termos na citação em destaque, que levam a uma análise curta sobre o que faz o discurso indireto livre nessa passagem. Esse momento da narrativa retoma por meio da lembrança do personagem Gigi, reproduzida em indireto livre, suas mais caras lembranças de infância, com os vocábulos específicos de seu meio, como se a narrativa condensasse a memória em cada manifestação lexical. Assim como a memória, a linguagem empregada na narrativa

ganha um aspecto individual (são as lembranças de Gigi) e o coletivo (as palavras são próprias de sua gente, de seu lugar de origem).

Entre o tentar esquecer sua feliz realidade de antes e lembrá-la como alento encontrava-se na tentativa do encaixe na nova realidade: “Imitava pasivamente a prosa certinha do gosto da menina Vitória”. No conto vemos Gigi tentando “encaixar-se” nesse novo mundo como alguém que deixa sua terra natal e vai para outro lugar. Aqui podemos entender o menino como um exilado uma vez que “as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás.” (SAID, 2003, p.46). Como bem podemos notar no parágrafo citado, Gigi deixa seu passado recente para tentar viver a nova realidade.

Ainda refletindo com Edward Said (2003) entendemos que o exílio é uma fratura incurável entre um ser humano e seu lugar de origem, no caso de Gigi não um lugar natal, mas o lugar ao qual ele pertencia, e a fratura se faz tão traumática quanto aqueles que deixam sua terra natal e vão buscar novos caminhos em outros lugares pelos mais diversos motivos.

No conto podemos caracterizar o fundo da sala de aula como lugar de exílio, uma vez que a professora a qual já havia mandado Matoso ocupar seu lugar lá agora também manda Gigi, trata os meninos do fundo de forma grosseiras enquanto mergulhava os dedos nos cabelos loiros dos meninos da frente.

Seguindo na narrativa encontramos o menino preocupado com a reação da professora porque ele estava mais próximo de Matoso:

Tenho de andar pouco com ele (o Matoso) pensava preocupado o Gigi. A professora pode virar-se contra mim. E fugia, afastava-se também da sua companhia, deixando-o abatido, solitário, dentro de suas ruínas. Tinha medo de enfrenta-la. (SANTOS, 1981, p.35)

Matoso representava para Gigi o que ele lutava contra, as lembranças do seu passado e a amizade que não seria do gosto da professora que tinha Matoso como o pior ser do mundo a ponto de referir-se aos outros alunos quando a desagradavam com coisas do tipo: “Pareces Matoso a falar...”

O menino chamava-se Higinio que só nos é mostrado agora, já no final do conto. Naquele dia era dia de entregar redação. O menino dessa vez estava bastante confiante e contente com o seu trabalho. Depois que entregou o caderno para a professora houve um momento de muita tensão na narrativa:

[...] Enquanto a via ler atreveu-se a tentar decifrar-lhe no rosto algum indício revelador, mas a menina Vitória parecia de pedra. Reparou-lhe então nos lábios pintados e nas linhas muito definidas dos seus contornos que pareciam emoldurar o batom. As sobrancelhas aparadas e finas afastavam-se das órbitas por um traço de carvão, e isolavam uns olhos castanhos-barrentos como água da lagoa do Kinaxixe. Mas subitamente eles abandonaram o caderno e voltaram-se para si, perplexos. Apanhado em flagrante, o Gigi baixou a cabeça. A menina Vitória olhava-o silenciosamente e os alunos da classe, pressentindo algo de estranho, apagaram as conversas. Esperavam. Gigi esperou também e as comissuras dos lábios entreabriram-se num sorriso de confiança. (SANTOS, 1981, p.36)

Próprio do conto o momento de tensão termina com o desfecho do conto. Durante a narrativa, Gigi que fez tudo para tentar deixar de ser rejeitado pela menina Vitória, no momento em que ele mais confiava nele mesmo o que aconteceu não foi bem o que ele esperava: “ – Com que então pretendes brincar comigo...? – ela falava-lhe friamente.” A acusação da professora veio rapidamente, questionava-o como poderia ter chamado a figura do Governo por tu? Como poderia tê-lo nomeado com um simples artigo definido? E veio então a pior humilhação e agressão que Gigi poderia receber num lugar onde deveria estar sendo educado: “- Ouve lá... tu julgas que ele anda sujo e roto como tu, e come funje na senzala...? (SANTOS, 1981, p.37).

E depois de tamanha crueldade nas palavras, a reação de Gigi é o que nos coloca ao seu lado na sala de aula como se sentíssemos a sua humilhação em nós:

De repente exibia-se aos olhos dos colegas, deformado como uma caricatura, o compromisso irrecusável que circulava no seu sangue e que até ali inutilmente escondera. [...] Sentiu-se muito fraco. Já nada tinha que disfarçar, mas estava triste perante a luta que pressentia. Mas por que, por que, que ela, logo ela, o queria humilhar? Ela que tinha carapinha. Ela que era filha de uma negra, pensou com furor. Os seus músculos crispavam-se e o caderno começou a amarrotar-se lhe nas mãos. Depois mal sentiu a violência da palmatória. Só nas faces a queimadura viva da humilhação, só nos ombros a responsabilidade da sua condição, de que ele não tinha culpa, mas que queria aceitar mesmo dolorosa como as pulsações que lhe ressoavam nas palmas das mãos inchadas. (SANTOS, 1981, p.37)

O garoto não entendia porque logo a professora que era a que mais se assemelhava a ele naquela sala de aula era justamente quem o humilhava e agora também o castigava fisicamente pela redação que ela julgava mal feita. Mas toda aquela humilhação e agora violência física nada tinha de castigo pelas tarefas e comportamento, tudo aquilo era a raiva que a menina Vitória sentia da sua condição de raça, que em Gigi era como um espelho daquilo que ela não queria enxergar.

E Gigi sofreu a violência e a humilhação da palmatória, a mesma que Pilar, personagem protagonista do “Conto de escola” de Machado de Assis sofreu por pegar uma moeda em troca

de ensinar uma lição ao filho do mestre. Para Pilar, que narra sua lembrança de infância, um dia na escola, em primeira pessoa, a lembrança da palmatória é tão viva em sua memória quanto para o narrador do conto de Gigi:

Aqui pegou a palmatória.

-Perdão, seu mestre... solucei eu.

-Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

- Mas, seu mestre...

- Olhe que é pior!

Estendi a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. [...] (ASSIS, 2008, p.91)

E no último parágrafo do conto de Arnaldo Santos encontramos a última ação de Gigi, que o diferencia do personagem machadiano pela explosão de sentimentos e reflexões, que aparecem por meio do indireto livre:

E na carteira chorou. Chorou de raiva, da dor que lhe nascia da piedade dos colegas e da vergonha de não poder esconder a sua angústia, com os olhos secos, enxutos, e orgulhosamente raiados de sangue, como os de Matoso. (SANTOS, 1981, p.37)

A lágrima não correu. O choro foi seco e metaforicamente um choro de lágrimas de sangue. Gigi era humilhado e sofria essa dor por uma condição que ele não escolheu. A menina Vitória enxergava em Matoso e em Gigi o que ela tanto escondia com pó de arroz: a sua cor, a sua raça.

O conto é narrado em terceira pessoa, ou seja, por um narrador que não participa da história. Em *Memória e Identidade* Joël Candau citando Leach reflete “que dois observadores não compartilham da mesma experiência.”. Matoso, Gigi ou outro aluno da sala de aula poderiam narrar o acontecimento de outra maneira, talvez menos emotiva e talvez ainda muito mais cheia de emoções com um narrador personagem.

Pensando no espaço do conto notamos com a leitura e análise que trata-se de dois espaços diferentes: o espaço da sala de aula e o espaço de liberdade que era a floresta e o caminho até a escola.

O espaço em que Gigi sentia-se alegre e em liberdade tinha o colorido vivo das penas de espécies de passarinhos que ele ouvia trêmulo, a memória gustativa lembra do sabor ácido

dos tamarindos e a emoção dos jogos chega em sua memória. No caminho pra escola apanhava pequenos tufo de capim, e essa era sua única alegria com a escola. Esse espaço está muito relacionado a natureza e simplicidade das coisas que o alegrava.

Já o espaço da escola e principalmente na sala de aula para Gigi durante todo o conto caracteriza-se como espaço de exclusão, opressão e exílio. O fundo da sala é ainda mais significativo uma vez que tanto Matoso quanto Gigi pertenciam a ele.

Voltando ao texto de Edward Said encontramos:

E logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidades permanecem como refugiados e pessoas deslocadas. (SANTOS, 1981, p.49)

Esse território do não-pertencer foi o que Gigi provou na sala de aula. O não-pertencer faz com que o indivíduo sintam-se deslocado, não pertence mais ao local que antes pertencia e também não pertence aquele local que agora se encontra.

No conto entre esse não-pertencer está a luta de Gigi em se integrar no espaço da escola e no espaço da sala de aula e deixar de ser humilhado e excluído pela professora. O fato de que ele evita andar com Matoso mesmo gostando do menino, o fato de o fazer imitar a prosa certinha do gosto da professora e o fato de fazer uma redação usando as palavras que a professora usava e do jeito que ela gostava mostra o quanto aquele não-pertencer era dolorido para ele e o quanto ele desejava integrar-se ao meio.

A afirmação de Said de que “[...] o hábito da dissimulação é cansativo e desgastante.” (SAID, 2003, p.60), está no conto, o ato de dissimular: “[...] Precisava de esconder o segredo ilegítimo do seu passado igual. Precisava de o dissimular para que não fosse destruído. [...]” e bem no final do conto: “[...] Já nada tinha que disfarçar[...]” (SANTOS, 1981, p.37). A sua origem, que ele tanto precisava esconder no início da narrativa, ao final já não precisava mais, pois a professora fizera questão de lembra-lo de seu passado que provavelmente era o mesmo que o dela.

Com toda a significação que tem o que Gigi vive para a sua vida podemos dizer que o conto tem um vies formativo, aproximando-se de aspectos do Romance de Formação originalmente chamado de Bildungsroman. Nesse tipo de narrativa o herói, exposto a situações que o leva a expandir suas capacidades enquanto heróis de ficção, na direção da realização pessoal que, por sua vez, se constitui sobre a tensão entre o real do contexto e o potencial de aspiração, ou, segundo Hegel, entre a “prosa das relações” e a “poesia do coração” (*apud*

MAZZARI, 1999, p. 73). Para entender a relação entre esses pólos, é preciso observar a realidade histórica, o contexto social, político e econômico pelos quais estão sustentados.

O contexto é de bastante exclusão de pobres e negros principalmente no local onde se passa a história, um bairro de Luanda em Angola. As situações vividas pela personagem a leva a expandir suas capacidades enquanto herói se pensarmos no fato de que Gigi, mesmo muito humilhado, não derramou lágrimas que naquele momento mostrariam sua fragilidade, ao contrário, manteve os olhos enxutos e orgulhosamente raiados de sangue, como se a partir daquele momento não fosse mais baixar a cabeça para humilhações como as que viveu na escola.

O título do conto é algo bastante surpreendente ao final da narrativa quando damos conta de que o conto na verdade significava a opressão e não o oprimido, representava o cruzamento da personagem principal, que era Gigi, com a professora. O fato de se colocar o vocábulo ‘menina’ no título atribui a Vitória um ar de inocência, fato que se desfaz totalmente durante o conto.

Pensando no conto que está localizado no livro antes do conto analisado temos Gigi também como personagem.

O conto é “Exames da 1º Classe” em que conta o dia em que Gigi fará o exame da 1º classe e logo pela manhã recebe a ordem da mãe de que deverá passar no exame. Nesse conto acontece o primeiro rompimento de laços na vida de Gigi, quando seu melhor amigo, o Arlindo, não passa no exame e fica um ano para trás. Tudo isso aconteceu na Escola 8, já no conto que analisamos Gigi foi transferido.

O livro de forma geral trata sempre de um conflito com o personagem que encontra-se deslocado no espaço em que está. Também há algo que relaciona os negros e mulatos ao mal costume e a coisas ruins. Por exemplo, no conto “A Mulher do Padeiro” temos isso bem descrito:

A pequena era filha cassule Joaquina, uma menina mortiça que tinha medo de aparecer a porta. O João José, o outro filho do casal, mais ousado, sempre que podia esgueirava-se para se juntar aos companheiros do bairro. D. Apolônia não gostava. Os meninos do Kinaxixe andavam com pretos e mulatos, o que ela considerava um mal costume. Opunha-se por isso, com firmeza. Toda gente de casa conhecia a dureza de suas convicções. (SANTOS, 1981, 52)

Na narrativa temos o ilusório transposto para o real, essa é uma função da literatura. A obra de arte com a ficção muitas vezes faz também algo de solidário, uma solidariedade social como Homi Bhabha (1998) bem coloca:

Viver no mundo estranho, encontrar as suas ambivalências e ambiguidades encenadas na casa da ficção, ou encontrar sua separação e divisão representadas na obra de arte, e também afirmar um profundo desejo de solidariedade social. (BHABHA, 1998, p.42)

O conto “A Menina Vitória” de Arnaldo Santos traz para nós muitas reflexões sobre o deslocamento do herói no espaço que para ele torna-se de total exclusão, um espaço que exclui e exila. Com esta análise tentamos mostrar como apresenta-se o espaço no conto de forma que o herói, ou personagem principal está deslocado nesse mesmo espaço.

Lembrando outra vez de Júlio Cortázar e de suas consagradas afirmações sobre o conto podemos dizer o que a narrativa de Arnaldo Santos é um texto que não será nada efêmero em nós, uma vez que o conto perdurável “é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa memória” (CORTÁZAR, 1993, p.155).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades:34, 2003.
- ASSIS, Machado de. *Várias Histórias*. 1ºed. São Paulo: Escala Educacional, 2008.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 7ºed. Campinas: Papyrus, 1994.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- COMPAGNON, Antonie. *Literatura Pra Quê?* Trad. Laura T Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- MACEDO, Tânia. Caminhos da escrita de uma cidade: a presença de Luanda na literatura angolana contemporânea. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.4, n° 8, p.240 a 249, 2001.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. *O romance de formação em perspectiva histórica: o Tambor de Lata de Gunther Grass*. Cotia: Ateliê, 1999.
- RORATO, Sérgio R. A (des)socialização do negro e, *Kinaxixe* de Arnaldo Santos. 127f. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixe e Outras Prosas*. São Paulo: Ática, 1981.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em maio de 2018.